

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

Terceira diáspora – Salvador da Bahia e outros portos atlânticos

Por Dra. Goli Guerreiro

Resumo

A pesquisa focaliza a cidade do Salvador, na primeira década do século 21, para refletir sobre o hibridismo que caracteriza os processos culturais das cidades atlânticas. O mundo atlântico é marcado por uma particularidade - ele originou e abrigou a diáspora negra, cuja configuração implica escravidão e confrontos, e também trocas e diálogos.

Desenhado na costa leste da América do Norte, Caribe e América do Sul e na costa Oeste da África e da Europa, o mundo atlântico coloca em conexão povos, lugares, textos. As cidades atlânticas-diaspóricas apontam ao mesmo tempo para unicidade e diversidade cultural. Cada um dos “portos” realiza um processo de tradução e de encaixes de um amplo repertório, produzindo narrativas que atualizam suas práticas culturais.

Para inserir Salvador neste contexto o projeto se debruça sobre as narrativas artísticas e no ativismo político do movimento negro - textos que modelam o debate cultural de Salvador. Trata-se de um bom exemplo de processos diaspóricos/híbridos não imunes à globalização homogeneizante nem a localização que os particulariza. São produtos de diálogos e negociações. O mergulho nas práticas culturais soteropolitanas, através de conexões, analogias, e contrastes com outras cidades atlânticas, busca iluminar os caminhos enredados da diáspora.

Palavras – Chave: Diáspora negra, Hibridismo cultural, Cidades atlânticas, Práticas culturais, Salvador da Bahia.

Apresentação

Grafitadores em Salvador; performance multimídia no Harlem; salões de beleza em Brixton, Londres; estúdios de gravação de Kingston; cafés literários em Fort de France; santeria cubana; carnaval em Port of Spain; restaurantes de Lisboa; bandas afropop em Paris; artes plásticas em Dakar; filmes nigerianos; Kuduro em Luanda; festival de vodum no Benin.

As culturas negras vivem um processo de recriação cultural diverso e cosmopolita baseado na troca de informações entre repertórios artísticos, comportamentais e ideológicos moldados em combinações particulares nos diversos “portos” da diáspora, ao mesmo tempo semelhantes e diferenciados.

A *Terceira diáspora* é um mergulho nas práticas culturais das cidades atlânticas, através de conexões, analogias e contrastes que busca iluminar o momento atual da diáspora no contexto da globalização e do circuito eletrônico de informação que produz trocas e recriações em várias dimensões das culturas negras.

A proposta é focalizar o diálogo entre cidades do mundo atlântico e seus repertórios culturais através do deslocamento de signos negros pelo circuito de comunicação apresentado como uma terceira diáspora.

Desenhado na costa leste da América do Norte, Caribe e América do Sul e na costa Oeste da África e da Europa, o mundo atlântico coloca em conexão povos, lugares e signos culturais que tem como elo a presença de populações negras.

A proposta da pesquisa parte de um sentido de lugar. Ele é produto do olhar de uma pesquisadora baiana de Salvador, a maior cidade negra da diáspora africana, que aprendeu a ler o mundo do ponto de vista das mesclas entre culturas e povos que formaram uma grande e periférica cidade do mundo atlântico.

A ancoragem no “porto” de Salvador permite a busca por semelhanças e diferenças entre as cidades atlânticas e seus repertórios de signos que produzem práticas culturais híbridas e diversas insinuadas na vasta produção artística e política dos vários portos do mundo atlântico.

A pesquisa se propõe a criar uma teia de referências da diáspora negra. Textos, sons e imagens buscam compor um acervo de práticas culturais contemporâneas. É uma cartografia do mundo atlântico - um espaço real e simbólico de trocas e combinações culturais onde diversas culturas negras se atualizam.

Salvador da Bahia, a maior cidade negromestiça da diáspora, é o set, o porto do qual parte-se em várias direções para navegar por cidades africanas, norte-americanas, caribenhas e européias, revelando práticas culturais semelhantes ou diferenciadas em diversas partes do mundo atlântico.

A proposta é descobrir contextos e práticas comportamentais em diversos campos: literatura, moda, cinema, música, teatro, religião, artes visuais, etc, através de investigação e de diálogos com personagens locais sobre a produção cultural que direta ou indiretamente reflete questões como raça e racismo; origem e raízes; mestiçagem, hibridismo, sincretismo; negritude; panafricanismo; ações afirmativas; afrodescendência; identidade negra; afrocentrismo; estética negra; pós-racialismo; etc.

O trabalho busca a visibilidade e o protagonismo dos povos negros na configuração do Ocidente contemporâneo. E quer revelar a extraordinária riqueza deflagrada pela diáspora africana e o vigor de sua produção cultural.

As três diásporas

A Terceira Diáspora trata da atualidade das culturas negras e percorre o repertório das cidades atlânticas em diversas formas de narrativas para reconhecer o circuito de comunicação que permite o deslocamento de idéias, atitudes, sons, imagens, modas, ideologias – aqui chamado de terceira diáspora, uma via tecnológica-digital que permite o deslocamento de signos culturais.

A primeira diáspora, pela via da escravidão, ocorreu com os deslocamentos históricos do tráfico negreiro e o retorno de ex-escravos para a África. A segunda, pela via dos deslocamentos voluntários, como a migração de jamaicanos para Londres; de porto-riquenhos para New York; de beninenses para Paris; de caboverdianos para Lisboa e NY; de angolanos para o Brasil, etc.

A terceira diáspora é o deslocamento de signos provocado pelo circuito de informação tecnológico/eletrônico tais como discos, filmes, cabelos, slogans, gestos, modas, bandeiras, ritmos, ícones, ideologias, etc. É uma visão que investe no circuito de comunicação da diáspora negra que se tornou possível com a globalização eletrônica-digital e coloca em conexão cidades como Salvador, Kingston, Havana, New York, New Orleans, Londres, Lisboa, Dakar, Luanda, etc.

Escopo teórico da pesquisa

Esta pesquisa vem ao encontro das questões centrais do ambiente intelectual e acadêmico que apontam o hibridismo como uma dinâmica fundamental do nosso tempo (ver Gruzinski, Burke, Hall, Gilroy, etc). Nos termos do historiador inglês Peter Burke:

A preocupação com este assunto é natural em um período como o nosso, marcado por encontros culturais cada vez mais freqüentes e intensos. A globalização cultural envolve hibridização. Por mais que reajamos a ela, não conseguimos nos livrar da tendência global para a mistura(...)(BURKE, 2003p.14).

Para o historiador francês Serge Gruzinski, autor do livro *O pensamento mestiço*:

A mistura de culturas cobre, pois, fenômenos díspares e situações extremamente diversas que podem se inscrever tanto no caminho da globalização como em margens menos estreitamente vigiadas(GRUZINSKI, 1999, p. 17).

Para demonstrar a pertinência do hibridismo e suas mesclas culturais, o mundo atlântico-diaspórico é promissor como unidade de análise na medida em que aponta para uma perspectiva transnacional, transétnica e intercultural. A fala do africanista brasileiro Alberto da Costa e Silva é encorajadora:

Talvez tenhamos até mesmo melhores condições de entendimento afetivo para contar, explicando como se crioulizaram as duas margens do atlântico, como se estabeleceram certos padrões culturais comuns nas cidades e vilarejos costeiros ligados pelo tráfico. Na habitação. Na cozinha. Nas vestimentas. Nas festas. Em quase todos os modos de vida (COSTA E SILVA, 2003, p. 238).

Esta pesquisa é uma ampliação do meu doutoramento realizado na USP(1999), que resultou a publicação do livro *A trama dos tambores* (SP, Editora 34, 2000) sobre a estética afrobaiana do meio musical de Salvador, e mais particularmente a invenção do samba-reggae pelos blocos afrocarnavalescos, como exemplo de produção cultural no porto soteropolitano do mundo atlântico. Para compreender esse processo foi preciso perseguir pistas que indicavam o “Atlântico negro” como espaço de análise.

Esta pesquisa identificou o samba-reggae como um produto híbrido que se apresenta através de uma estética mestiça, resultado de uma conexão de elementos que se desenvolvem no “mundo atlântico negro” (Gilroy, 2001). Ele é produto dessa troca de informações, desse encontro de várias fontes culturais.

O samba-reggae, o principal produto da estética afrobaiana está pautado tanto na tradição percussiva brasileira quanto nas referências internacionais que chegam através das mídias e dos contatos culturais que conectam o mundo atlântico. E é importante ressaltar que essas conexões se dão em várias dimensões.

Além de criadores musicais, os blocos afro são um segmento significativo do movimento negro baiano e são protagonistas do processo que afirmou Salvador como uma cidade negra. Eles representam a ascensão da negritude soteropolitana e a configuração de uma política anti-racista, na medida em que afirmam uma estética negra que também reflete o circuito atlântico de comunicação.

Esse processo local é um bom exemplo das formas culturais híbridas ou mestiças modeladas no mundo atlântico, mas temos muitos outros. Esta nova pesquisa pretende ampliar o escopo das práticas culturais soteropolitanas conectadas e informadas pelas trocas atlânticas-diaspóricas.

A amplitude da diáspora atlântica nos permite explorar as diversas dimensões das mesclas culturais. Mas não basta reconhecer o hibridismo é preciso responder as perguntas formuladas pelos seus pensadores: De que forma as culturas se misturam? De que maneira as mesclas se processam, como se dão os encaixes nos produtos culturais? Em que circunstâncias e condições?. Esta pesquisa elege a experiência concreta da Cidade da Bahia para tentar respondê-las contribuindo com um pequeno arquivo para o acervo cultural contemporâneo.

Mundo atlântico

Esta pesquisa inspira-se na idéia de Paul Gilroy, o sociólogo afro-britânico que criou o termo "Atlântico negro" e o define como um circuito que permitiu às populações dispersas (pelo tráfico de escravos ou pela migração) a delinear uma estética negro-atlântica:

(..) as formas culturais originadas pelos – mas não mais propriedade exclusiva dos – negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória, a que tenho chamado heurísticamente mundo atlântico negro (GILROY, 2001: 35).

(..) o conceito de espaço é em si mesmo transformado quando ele é encarado em termos de um circuito significativo que capacitou as populações dispersas a conversar, interagir e mais recentemente até a sincronizar significativos elementos de suas vidas culturais e sociais. (GILROY, 2001: 21).

Trata-se de um horizonte de referência composto de sons e imagens, signos e atitudes.

A leitura inspira-se também no "fluxo e refluxo" intercontinental descrito pelo etnólogo franco-baiano Pierre Verger que revela as continuidades e descontinuidades das práticas religiosas, políticas e econômicas do mercado triangular de escravos entre África, Europa e Brasil.

Além dessa referência clássica há a leitura fundamental do jamaicano Stuart Hall que reflete sobre a "estética da diáspora". Segundo Hall, a produção diaspórica obedece a seguinte lógica: transplante – sincretização – diasporização. Ele chama a atenção para alguns aspectos que caracterizam essa lógica, tais como: ausência das idéias de origem, raízes e nação; desconstrução da dicotomia centro-periferia; hiperfragmentação de elementos; diversidade de estilos.

Stuart Hall toma o Caribe como espaço de análise e fala de pintura, fotografia, literatura e cinema caribenhos, mas mostra como cada lugar, seja no Haiti, Barbados, Martinica ou Jamaica, as misturas, as trocas, as traduções se dão particularmente. Por isso descreve as conexões de cada campo de produção cultural em cada um dos portos caribenhos.

Ele diz: "o que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição com diferença". Esses processos diaspóricos/híbridos não estão imunes à globalização homogeneizante nem a localização que os particulariza. Esse processo de produção cultural é uma negociação. O caminho da diáspora é o jogo da semelhança e da diferença (Hall, 2003).

Sobre a produção cinematográfica no mundo atlântico Stuart Hall dá pistas preciosas em seu artigo *Identidade cultural e diáspora* no qual reflete sobre o cinema caribenho mostrando como ele se revela uma narrativa conectada com experiências compartilhadas em vários portos atlânticos. E, segundo ele mesmo, isso não se restringe ao cinema:

Pense-se, por exemplo, no diálogo de todo escritor ou cineasta caribenho, de um modo ou de outro, com o cinema e a literatura dominantes do Ocidente – no complexo relacionamento dos jovens cineastas negros britânicos com as vanguardas do cinema europeu e americano. (...) Muitos produtores culturais e críticos negros e jovens da Grã-Bretanha cada vez mais passam a reconhecer e explorar em seu trabalho essa 'estética da diáspora' (HALL, 1996, p.7).

Esta produção cultural é, portanto, um processo de tradução entre repertórios, linguagens, estéticas, que aponta para a "reinvenção da África" como elemento "poderoso e subversivo". Mas adverte: essa África reinventada na diáspora nem é nem a do presente nem a do passado, é uma África mítica. Numa palavra: "A África é uma metáfora" (HALL/SOVIK, 2003).

A estética da diáspora – Salvador, por exemplo

A pertinência desta leitura de Stuart Hall sobre a produção cultural nos portos da diáspora pode ser identificada na minha pesquisa para doutoramento sobre o meio musical de Salvador e este aspecto foi mais amplamente desenvolvido em artigo intitulado *A rede atlântica como espaço de produção cultural* (2005), no qual busco demonstrar o processo de reinvenção da África pelos blocos afrocarnavalescos como a "áfrica tradicional" do Ilê Aiyê; a "áfrica moderna" do Araketu; a "áfrica islâmica" do Male Debalê; a "áfrica nômade" do Muzenza; a "áfrica científica" do Olodum; a "áfrica cosmopolita" da Timbalada ou a "áfrica estilizada" do Cortejo Afro.

Estas sutis diferenciações de perfil, entretanto, não desagregam os blocos afro enquanto movimento articulador de uma estética afro-baiana, na qual a África é permanentemente reinventada, a partir de influências múltiplas, fragmentadas, que desenham um mosaico musical plural, feito de vários repertórios. Esse processo, que revela a estética da diáspora da produção estético-musical local, insere vigorosamente a cidade do Salvador no mapa do mundo atlântico.

Hibridismo cultural

Em seu livro *Hibridismo cultural*, o historiador inglês Peter Burke também reflete a partir da perspectiva dos "encontros culturais" e traz como exemplo do que chama de "hibridação múltipla", a música jamaicana:

O reggae foi introduzido na Grã-Bretanha por imigrantes jamaicanos, que vez por outra moravam na mesma parte de Londres que outros indianos recém-chegados. Um inglês do Punjab, Steve Kapur, que se denomina 'indiano-apache', cresceu nesse ambiente e passou a combinar a tradição do reggae com a música bhangra indiana (BURKE, 2003, pp. 31-2).

O antropólogo brasileiro Hermano Vianna, estudioso do funk carioca e do samba, também navega na direção do hibridismo atlântico. Buscando reconstruir o processo de criação musical, destaca as conexões que se estabeleceram no contexto da diáspora. Ele diz:

A música afro-americana também não possui uma única raiz fincada em algum descampado subsaariano, mas criou uma malha de tradições interconectadas de tantas maneiras e com tantos curtos-circuitos internos, que faz com que qualquer ritmo seja simultaneamente pai, filho, mãe, primo de todos os outros ritmos. As guitarras elétricas de Kinshasa, por exemplo, são herdeiras da rumba cubana dos anos 40 e do zouk antilhano (na verdade inventado em Paris) dos anos 80. Todos os ritmos e todas as identidades estão conectadas. O Atlântico é a grande rede (VIANNA, 1999).

O ensaísta espanhol Enrique Romero em trabalho sobre a música cubana *Salsa – el orgullo del barrio* mostra como esta "etiqueta" é um produto híbrido-diaspórico:

La salsa nace durante los años 60 em Nueva York, concretamente em el Spanish Harlem, mas conocido como El Barrio, y no es um gênero musical definido como el son, la plena o la cumbia, sino um movimiento sócio-cultural urbano, sintetizada em uma expresión musical, creada y desarrollada por los emigrantes del Caribe y algunos músicos

norte-americanos identificados com el pathos latino y seducidos por los ritmos de Cuba y Puerto Rico (ROMERO, 2000, p.12).

Sem dúvida a música é o principal produto do intercâmbio cultural do mundo atlântico que também alimenta um dos mais vigorosos mercados globais. Devidamente mediatizada, a produção musical (bem como outros objetos culturais) desloca-se no circuito atlântico plena de significações que veiculam sensações de pertencimento e de diferenciação.

As cidades atlânticas trilham seus próprios caminhos, mas se assemelham nas mesclas em que tecem seus ritmos. Assim foi com o jazz, o blues e rap nos Estados Unidos, a salsa em Cuba, o jungle na Inglaterra, o calipso em Trinidad e Tobago, o reggae na Jamaica e o samba no Brasil. Estes estilos são testemunhas de processos híbridos, de creolização e mestiçagem, capazes de traduzir experiências sensíveis que reinventam paisagens sonoras e contextos sociais.

Mas pode-se perceber o hibridismo cultural mesmo na produção literária, que tradicionalmente se constitui como uma narrativa local, ciosa da construção de identidades nacionais, Referindo-se a literatura negra no Brasil Zilá Bernd afirma:

Atualmente, é sem dúvida o discurso literário o espaço privilegiado da restauração da identidade, da reapropriação de territórios culturais perdidos. O fio condutor dessa literatura parece ser o desejo de reviver nos dias de hoje, o espírito quilombola.

Sentindo-se como o guia, o condutor de seu grupo, o poeta busca recuperar a rebeldia e os ideais de liberdade que outrora guiaram seus antepassados para os quilombos. A poesia nutrida dessa seiva transforma-se em território reencontrado, onde os versos – como os atabaques – soam como uma convocação à (re)união (BERND, 1989, pp 50-1)

Ainda no campo da literatura, o antropólogo Hermano Vianna vislumbra a força oceânica do que chama de “rede atlântica” quando comenta o livro *Elegbara* de Alberto Mussa, o qual considera um "produto complexo do fluxo e refluxo transatlântico, alargando a percepção do nosso local, brasileiro, na diáspora negra". Trata-se de dez narrativas que atravessam as culturas africanas, brasileira e portuguesa, baseadas em fatos históricos, ficção e mitologia.

Outro exemplo instigante é o livro *Noite dos cristais* de Luis Fulano de Tal que narra o deslocamento de um estudante brasileiro para Caiena na Guiana Francesa onde encontra um manuscrito que revela a saga de seus parentes malês na Bahia.

Narrativas atlânticas

Além de tomar as narrativas artísticas soteropolitanas como corpus, a pesquisa elege ainda as práticas políticas do ativismo negro que também se mostram conectadas com as experiências de outros portos atlânticos. O antropólogo Lívio Sansone sublinha:

(...)as formações étnicas e raciais são definidas na interação entre o contexto local e um circuito transatlântico de idéias, categorias, hierarquias e objetos negros; (SANSONE, 2004, P. 248).

A análise dos discursos sobre raça e racismo, reveladas nas práticas do MNU, apresentam-se como um recorte privilegiado para a compreensão dos processos de mesclas e trocas de informações entre cidades atlânticas.

Essas práticas políticas, em muitos casos, encontram-se atreladas à produção de objetos artísticos e, nesse caso, os elementos aparecem interconectados permitindo uma análise em duas dimensões: uma delas enfatiza as trocas atlânticas em campos estéticos (musical, teatral, etc) enquanto a outra revela imbricamentos entre expressões artísticas e ativismo político.

Este trânsito aparece claramente na fala do atual secretário da cultura e diretor do Teatro Vila Velha, Márcio Meireles:

Esse Teatro (Vila Velha) se insere nesse espaço social e político baiano, afirmando uma cultura popular, tradicional e, ao mesmo tempo, apontando para certos caminhos. Junto com a gente veio o Bando de Teatro Olodum (...). Esse Teatro, muitas vezes, não é reconhecido como teatro. Esses atores vêm do Movimento Negro Unificado, de fábricas, de igrejas, etc. Eles vêm com uma identidade, com elementos culturais muito fortes. (...) Eles querem ter voz. Chegar ao palco é terem a possibilidade de serem ouvidos (MEIRELES, 2001, pp. 88/9).

Este mesmo encontro entre arte e política aparece, como já foi indicado, na produção dos blocos afrobaianos que não é apenas musical e pode ser entendida como política anti-racista, cujos textos se conectam com realidades diaspóricas, transculturais.

Comentando o campo literário baiano, a professora do Instituto de Letras da UFBA, Evelina Hoisel destaca o modelo híbrido de produção e a questão racial quando afirma:

Através dessas representações, focalizadas através da linguagem literária, podemos perceber a circulação de valores sociais, localizar focos de resistência cultural, de conflitos e de diálogos entre raças e tradições (HOISEL, 2001, p. 107).

No campo audiovisual, alguns projetos artísticos recentes vêm ao encontro do hibridismo cultural. O cineasta africano-mauritano, Abderrahmane Sissako, pretende instalar em Salvador o projeto *Portas da África*, no qual elege a narrativa cinematográfica como forma de estabelecer uma ponte entre os povos da diáspora. Ele afirma:

Os artistas têm que se mobilizar e criar um lugar para onde virão os africanos, brasileiros, pessoas de diferentes origens, para dar a possibilidade de jovens e crianças de sonharem com o cinema, e poder fazê-los concretizar esse sonho. (...) A Bahia, através de sua história, desta mistura cultural, da mestiçagem, é um dos lugares-laboratórios do mundo. Porque não é nem a África, nem a Europa, nem completamente a América, são os três ao mesmo tempo (SISSAKO, Jornal A Tarde, 29/08/07).

O diálogo entre populações dispersas pela diáspora negra são bastante evidentes nas práticas culturais soteropolitanas. Mas para melhor conhecê-las é preciso tecer as conexões atlânticas. As práticas culturais híbridas se insinuam na vasta produção artística e política dos vários portos do Ocidente e o que foi apresentado aqui é apenas o começo de uma busca por mais e belos exemplos da criatividade que navega e conecta o mundo atlântico.

Referências

BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.

BURKE, Peter – *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo, RS, Editora Unisinos, 2003

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. São Paulo, Editora 34, 2001.

GRUZINSKI, Serge – *O pensamento mestiço*. SP, CIA das Letras, 2001

GUERREIRO, Goli. *A trama dos tambores – a música afro-pop de Salvador*. São Paulo, editora 34, 2000.

-----*A rede atlântica como espaço de produção cultural*. Salvador, Anais do ENECULT, 2005.

HALL, Stuart. “Identidade cultural e diáspora”. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*. Número 24, pp- 68-74. Rio de Janeiro, 1996.

-----*Da diáspora : Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Brasília; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUSSA, Alberto. *Elegbara*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2004.

ROMERO, Enrique. *Salsa – el orgullo del barrio*. Madrid, Celeste Ediciones, 2000.

SANSONE, Lívio – *Negritude sem etnicidade*. Salvador, EDUFBA, 2004.

SBPC- *Bahia, Bahia, que lugar é este?*. Salvador, Revista da SPBC, 2001.

SILVA, Alberto da Costa. *Um rio chamado Atlântico*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003.

TAL, Luís Fulano de. *Noite dos Cristais*. São Paulo, Editora 34, 1999.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo*. Salvador, Editora Corrupio, 2002.

VIANNA, Hermano. *Música afro-americana é um circuito intercontinental de tradições*. http://www1.uol.com.br/fof/brasil500/dc_7_3.htm , 1999.